

O processamento cognitivo da ironia

Monica Alvarez Gomes das Neves*

Resumo – Este artigo apresenta um estudo cognitivista do processamento da ironia, seguindo as pesquisas de FAUCONNIER; TURNER (2002) e COULSON (2001), principalmente. Procura-se mostrar como os mecanismos de mescla e reenquadre suportam cognitivamente a leitura irônica do enunciado, criando desanalogias entre um dos *inputs* e o espaço mescla. O corpus deste trabalho constitui-se de matéria jornalística de natureza opinativa.

Palavras-chave – Ironia. Mescla. Mudança de enquadre.

1. Considerações iniciais

Freqüentemente é possível encontrar textos que se debruçam sobre o estudo da ironia, mostrando que ela quer dizer o contrário do que se disse, conforme ocorre em gramáticas escolares como INFANTE (1997) e RIBEIRO (2004), por exemplo.

Apesar de ser tradicionalmente apresentada, desde a retórica clássica (cf. Aristóteles, em *A arte retórica*), sob estes limites conceptuais, ela continua viva na língua, adquirindo outros formatos e atuando em várias instâncias (cf. NEVES, 2006)¹. Observem-se alguns exemplos:

- (1) Policiólogos²
- (2) Pastoral do Criminoso³
- (3) Avanços sociais⁴
- (4) Antes dele, só um tal de Jesus ousou tamanho milagre⁵.
- (5) Na hora exata em que eu tomava um chá com chocolate no alto dos Andes, na fronteira com o Chile, meu espírito transitava em alta velocidade pela Marginal Tietê, em São Paulo⁶.

Em (1), a ironia se situa no nível lexical; (2) e (3) contemplam casos de nome e complemento – nível de estruturação **especialmente** estudado neste trabalho; (4) exemplifica a ironia na relação sujeito/predicado; em (5) a ironia se dá entre orações.

* Professora Substituta Adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Brasil.
E-mail: magneves@terra.com.br.

Em todos eles, é possível apontar um padrão léxico-sintático inicial e, portanto, genérico, que pode ser reconhecido como X Mod, em que X constitui Nome, Adjetivo, Oração, ao lado de um Modificador.

Além disso, toda ironia opera negação de algo, de forma que essa construção é uma forma marcada de proposições negativas (sem uso do advérbio), fazendo parte, por isso, de uma rede construcional específica da negação.

A partir dos exemplos, pode-se perceber que a definição tradicional de ironia não dá conta do fenômeno em questão. Ele pode ser melhor entendido nos termos de Giora (1995): **a ironia é a negação de um estado de coisas e a afirmação do desejado.**

Partindo desse “novo” conceito, claramente mais adequado e abrangente que o tradicional, por abarcar usos em que não ocorre inversão semântica, chega-se, através da Lingüística Cognitiva, a uma possibilidade de análise lingüística da ironia.

A Lingüística Cognitiva despontou no cenário dos estudos da linguagem no Brasil nos últimos anos com um considerável caminho já percorrido por ilustres pesquisadores. Essa linha teórico-científica oferece algumas ferramentas de análise muito produtivas, como a compreensão dos espaços mentais, sobretudo as operações de **mescla** e de **reenquadre**.

No Brasil, ressalta-se a Hipótese Sociocognitiva da Linguagem – cunhada por SALOMÃO (1997) – que focaliza a dimensão social da significação. Essa visão respalda a significação relevante ou, em outras palavras, a significação diz respeito à moldura comunicativa que ensejou os enunciados (portadores do significado em questão).

2. Ferramentas de análise

É principalmente em FAUCONNIER; TURNER (2002) e COULSON (2001) que mescla e reenquadre estão estruturadas. Dessa forma, a mescla, consoante COULSON (idem, p. xii), constitui “um conjunto de operações cognitivas para combinar *frames* de diferentes domínios”.

Para essa combinação, conta-se com, no mínimo, quatro domínios: o espaço genérico, dois domínios fontes (*inputs*) e o da mescla.

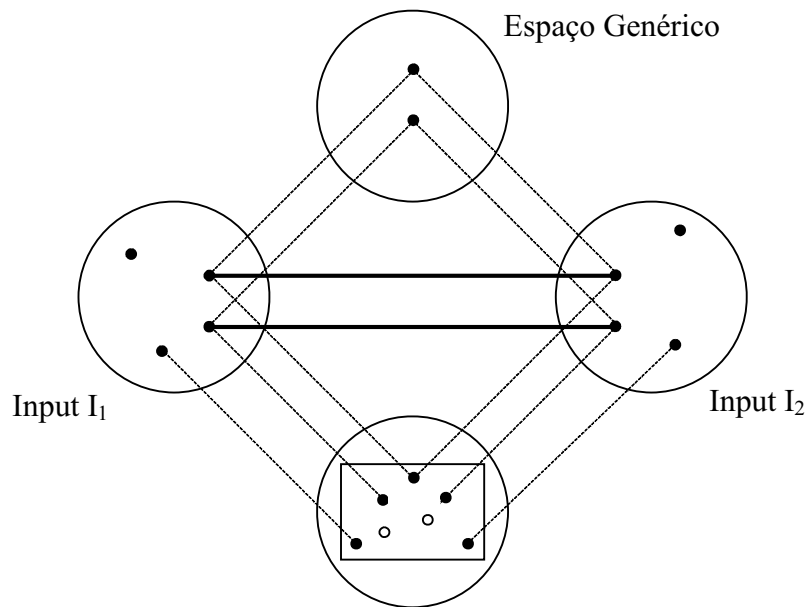


Figura 1

É fundamental salientar que para se chegar ao espaço resultante não se procede a uma análise composicional, mas sim a uma leitura construtivista dos *inputs*, pois esse espaço de mescla não é passível de decomposição mantendo-se o mesmo sentido. Assim, a estrutura que surge é amalgamada e única. A autora (*ibidem*) comenta especificamente o uso das metáforas e de nomes compostos para explorar o processo da mesclagem.

COULSON (2001) aborda especialmente as metáforas no que concerne às características de que (1) nem todos os atributos do domínio fonte são relacionados ao domínio alvo (como em “O casamento é uma prisão”, em que nem tudo de prisão está relacionado a “casamento”, senão algumas características) e de que (2) as implicações não estão necessariamente disponíveis na fonte e no alvo, mas na inferência da combinação (como no exemplo acima, em que a idéia de falta de liberdade na relação de casamento surge na combinação dos *inputs*) – também válidas para a ironia.

Quanto aos nomes compostos, a situação é, em geral, a de que cada um deles relacione um *input* e, conseqüentemente, o espaço mescla contará com elementos projetados dos dois domínios de forma

indecomponível (estrutura estudada por COULSON (2001) e especialmente relevante para esse estudo).

Fundamentalmente, a autora (*idem*) aponta ainda funções do processo de mesclagem conceptual. Dentre eles, devem ser citadas a possibilidade de novas inferências sobre o domínio alvo, a ênfase em um construto do domínio fonte, designação de um aspecto da cena, a escalaridade de elementos disponíveis, dentre outras coisas. Por fim, ela salienta que os modelos construídos para a mescla são escolhidos com a finalidade de “habilitar inferências, evocar respostas afetivas e ação motivada” (*idem*, 2001, p. 202).

Esse processo é extremamente produtivo na língua, uma vez que os falantes são flexíveis para compreender e formar novas mesclas e evocam e manipulam *frames* constantemente, garantindo o sucesso da operação.

Ironia (assim como metáfora e analogia, nos estudos de COULSON, (*idem*) pode ser motivada por objetivos retóricos como a necessidade de promover informações, provocar reações ou “elicitam um construto apropriadamente motivado” (p.200), como se pode comprovar no *corpus* desta pesquisa (composto de editoriais jornalísticos).

COULSON (*ibidem.*) aborda também a mudança de enquadre ou reenquadre operada por construções contrafactuais. Sua própria natureza de contrafactualidade, da remissão para um estado possível, exige a mudança de enquadre — o que também é válido para o estudo da ironia, que ativa um cenário imaginado, ao lado do modelo cognitivo idealizado (MCI) da situação corrente.

Como pensar uma realidade possível é básico na cognição humana, as estruturas contrafactuais são extremamente produtivas na língua e sua leitura obedecerá ao processamento da mudança de enquadre, que se dá através da requisição de estruturas parciais de diferentes domínios e *inputs*, integrando a informação nova.

É assim que, por exemplo, em “Se eu fosse você largava tudo”, há *inputs* no espaço atual (eu, você) e um *frame* de decisão: continuar ou parar (largar tudo). Na mesclagem, constrói-se um cenário contrafactual de “eu ser você” no espaço mescla e, por essa leitura, a reanálise é suportada (contrafactualmente) para a decisão a ser tomada.

No caso da combinação “Nome Adjetivo” (de especial relevância para esta pesquisa, uma vez que o foco de trabalho é o SN), o gatilho gramatical

para a construção do irreal (e, conseqüentemente, a compreensão de uma desanalogia) não é a estrutura “se x, então y”, mas o próprio adjetivo, como é o caso de “casa errada” (exemplo de FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Em “dor de cabeça de cafeína” (“*caffeine headache*”, idem), a noção de ausência de cafeína emerge da rede inteira, mas não é explicitamente indicada por nenhuma expressão – embora haja expressões específicas que indicam ausência explicitamente, como “ausência de, falta de” etc.

“Dor de cabeça de cafeína” mostra que a “contrafactualidade não é uma propriedade absoluta” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 230), dependendo do ponto de vista do qual se toma o enunciado. É o que acontece com os enunciados irônicos.

Construir o irreal acaba por viabilizar, em alguns casos, a construção de uma nova categoria, como se deu com os números complexos, considerados como impossíveis e imaginários, inicialmente.

“Dor de cabeça de cafeína” apresenta um contraste gritante entre cafeína e não cafeína e essas idéias opostas estão presentes nos espaços mentais. Os autores (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 276) apontam que esse contraste apresentado é o que permite que uma palavra tenha “múltiplos significados”, e que torna possível criar novas categorias com palavras já existentes. Os autores listam quatro princípios aplicáveis nessas situações:

- projeção seletiva, em que se projeta para o *input* aquilo que é relevante para a combinação.
- a combinação de expressões pode ser estranha ou agramatical, mas se torna viável e cheia de significado na mescla.
- os termos da estrutura emergente podem não ser aplicados diretamente aos *inputs* (caso em que tais termos não fazem sentido, se se considerar somente um *input*).
- a mescla necessariamente expande o uso das palavras, mas nem sempre essa atividade é percebida.

Estudando a combinação “Nome Adjetivo”, os autores elencaram exemplos em que o adjetivo promove a ativação de um cenário contrafactual. Em “praia segura” (“*safe beach*”), mostraram à exaustão como se processa tal enunciado: primeiramente, há a mescla de um espaço mental para a situação corrente com um *frame* abstrato de perigo, que promove um espaço mental contrafactual específico, em que praia é ligada a um papel no *frame* de perigo. Esses dois espaços, apresentando

divergência, funcionam como *inputs* para uma nova mescla. A desanalogia entre eles é comprimida na propriedade “segura” (“*safe*”).

É interessante notar a regularidade dos fenômenos descritos. As capacidades necessárias aos falantes são as mesmas, desde as mesclas menos entrincheiradas até as mais entrincheiradas.

Os padrões relevantes são requisitados por *frames* culturais com estruturação rica, ou *frames* mais genéricos (concorrendo com outros *frames*), ou por uma situação específica no momento da enunciação.

Os compostos nominais, de um modo geral, apresentam unidades formais que apontam dois elementos em espaços diferentes e orientam o falante (locutor ou interlocutor) para que ele percorra o resto do caminho.

Esses dados ilustram a máxima de que “a linguagem não porta o significado, mas o guia”. FAUCONNIER; TURNER (2002) retomam essa característica lingüística básica quando dizem que as palavras constroem significados, mas não os representam (cf. p. 277). Finalizando, é fundamental lembrar as palavras de FAUCONNIER; TURNER (2002, p.358):

Novamente, nós vemos a forma lingüística mais simples possível promovendo redes de integração notavelmente complicadas. Comunicar através de formas gramaticais simples é possível porque os seres humanos cognitivamente modernos podem suportar todas as integrações de duplo escopo e seus princípios de funcionamento e objetivos extensíveis. A língua, ela mesma, não tem que carregar tais operações, como compressão ou preenchimento de padrão, porque os cérebros humanos fornecem aquelas operações sem nenhum custo lingüístico.

Dada a essência esquemática dos modelos de construção do significado, somente as habilidades de integrar padrões, explorar escalas, reenquadrar e mesclar *frames* suportam os dados lingüísticos. Por isso, a constatação – que é uma máxima dos estudos lingüísticos cognitivistas – assim disposta por COULSON (2001, p. 279): “a informação gramatical não é sempre necessária nem suficiente para a computação *on-line* do significado”.

Assim, são resgatadas as características estática e dinâmica, simples e complexa do processamento da linguagem. Sobre o primeiro problema,

são apontadas as rotinas que reúnem os modelos cognitivos, possibilitando a interpretação, a ação e a interação, e sobre o segundo, aponta-se a necessidade de retenção dos dados, como os *frames*, para os processos de mesclagens e, portanto, de construção de conceitos, e ainda o fato de que a representação do conhecimento é mais dinâmica do que a princípio parece. Coulson (*op. cit.*) diz que pessoas assumem valores padronizados quando nenhum outro é oferecido e que a atividade de preenchimento de lacunas é uma atividade básica.

3. A mescla irônica

Para a compreensão da ironia, o falante parte de um cenário acessível, de uma situação convencional – acessada pelo MCI do leitor ou pelo cenário que o autor do texto constrói, conforme o caso, considerando os exemplos (2) e (3) – que será checada com outro cenário, produzindo uma relação de negação de algum aspecto envolvido, geralmente uma propriedade, gerando-se, a partir daí, a inferência de uma desanalogia entre um dos *inputs* e o espaço mescla. Essa desanalogia implica o reconhecimento da ironia.

FAUCONNIER; TURNER (2002) discutem o caso não-irônico de (p. 149) “praia segura” (*safe beach*). A combinação requisita a integração de um *frame* abstrato (o de perigo) – com uma situação específica (uma criança na praia) para a formação do cenário de evento contrafactual de “perigo para criança”.

Mais interessante ainda para o fenômeno aqui estudado é o fato de que situações opostas estão em jogo e fazem parte do espaço mescla (a praia que causa e a que não causa perigo).

Nesses termos, a ironia sempre se dá através de mesclagem conceptual (*blending*), obedecendo o caminho percorrido pela mescla descrita por Fauconnier & Turner (2002) no que se refere à combinação “Nome Adjetivo” (escopo de trabalho desta pesquisa).

Deste modo aparece (2) “Pastoral do Criminoso”, por exemplo, em que a combinação criada pelo autor do texto, por ser implausível, não requisita necessariamente, embora esteja disponível, o cenário construído pelo autor.

O processamento partirá do MCI de Pastoral, por exemplo, ativando um *frame* abstrato dessa situação, que, através de analogia e desanalogia, será posto em cheque, dentro de um cenário imaginário, com a combinação “Pastoral do Criminoso”. Desse processo de mesclagem será descomprimida a relação vital de similaridade, que fará parte da leitura irônica.

No caso do exemplo (2), a inferência a que se chega pela checagem entre os dois *frames* permite o reconhecimento de desanalogia entre o *input* 1 e o espaço mescla. Observe-se:

(2) Pastoral do Criminoso

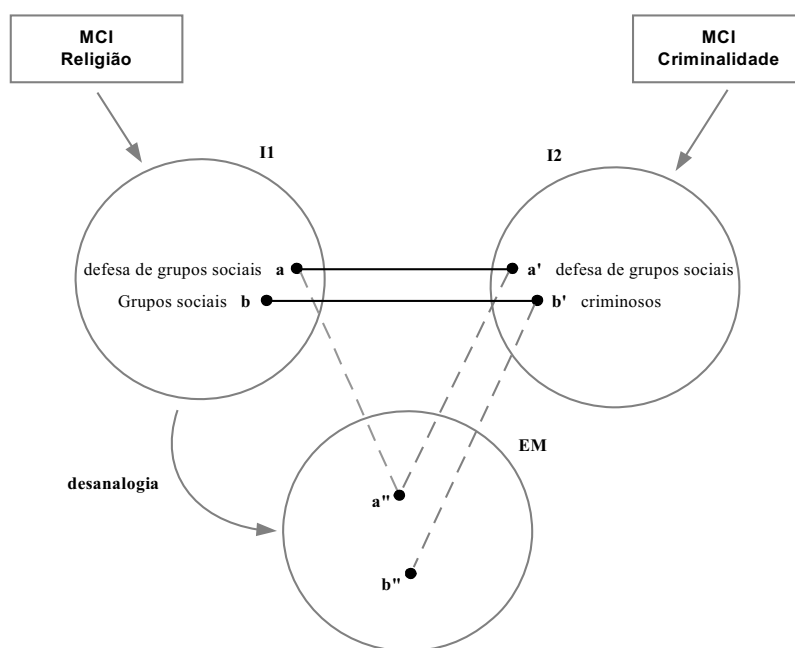


Figura 2

Para destoar da situação corrente, é preciso uma combinação implausível para marcar mais o recurso, piscar (no dizer de BERGSON, 1987) mais para o interlocutor.

O segundo tipo de combinação “Nome Adjetivo”, de cunho irônico, se dá como em (3) “avanços sociais”, por exemplo. Em casos como esses, a combinação não é *a priori* irônica. Pode-se pensar neles sem o contexto apropriado e não há, então, combinação “estranha” ou implausível, como nos exemplos anteriores, estudados acima.

Por isso, ao iniciar o processamento, requisita-se o MCI da situação corrente (não progresso), com o espaço de “não - avanços sociais”, por exemplo, para proceder à integração com o cenário imaginário de “avanços sociais” (alimentado pelo MCI de progresso), gerando-se o espaço mescla, que traduz um espaço com as possibilidades opostas. Esse novo espaço descomprimirá as relações vitais de similaridade e propriedade e a inferência produzida possibilitará o reconhecimento da divergência entre o *input* 2 e a própria mescla (e que, segundo FAUCONNIER (1997), constitui uma função pragmática). Observe-se:

(3) Avanços sociais

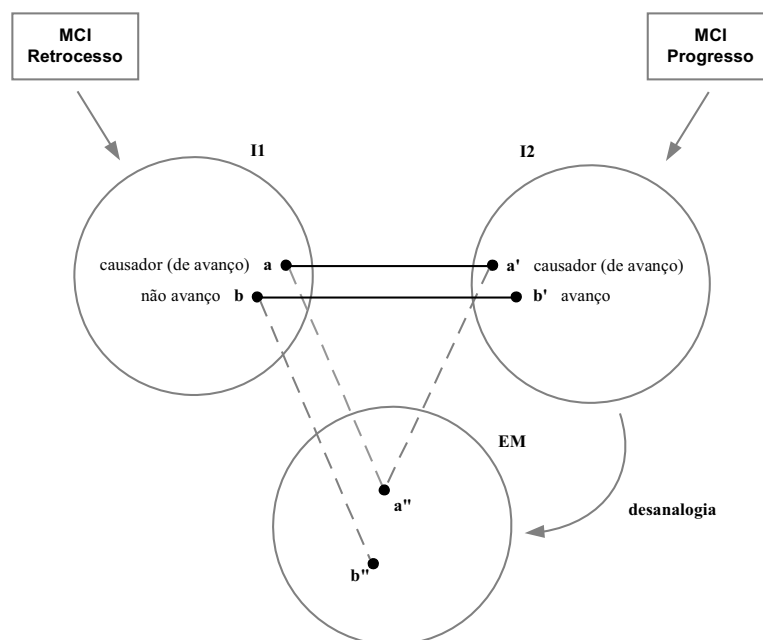


Figura 3

Para destoar do cenário imaginado, da expectativa do grupo social em que se produziu o enunciado, basta uma combinação mais habitual, somente capaz de portar a negação, propiciada pela inferência da desanalogia. Desse modo, é importante retomar as palavras de FAUCONNIER, segundo as quais, apesar da construção ser subespecificada, nela não há vagueza propriamente dita: “os falantes, na conversação, estão gramaticalmente aptos a construir a mescla, a encontrar traços contextualmente

relevantes que produzem inferências e as exportam via conectores” (FAUCONNIER, 1997, p. 163).

É importante ressaltar que a combinação irônica “Nome Adjetivo” obriga à checagem entre as possibilidades de leitura evocadas pelos cenários envolvidos para viabilizar a inferência a partir de um cenário apropriado para a combinação e o contexto. Essa verificação vai ao encontro da descrição de FAUCONNIER; TURNER (2002), segundo a qual, as oposições não são suprimidas; pelo contrário, ativá-las todas simultaneamente é parte do propósito da rede de espaços, e os participantes devem manter esses espaços distintos. [...] A *raison d'être* dos espaços mentais é manipular representações que, no mundo real, são incompatíveis umas com as outras” (idem, p.30).

Segundo os autores, é o que os lógicos e os filósofos da linguagem chamam “opacidade”, “pensamento contrafactual” e “projeção de pressuposição”.

Esse jogo (com representações incompatíveis) de que falam os autores é também importante para gerar o efeito de sentido conhecido como **efeito causal** e entendido como a diferença entre o resultado proposto pelo cenário real e o resultado proposto pelo cenário imaginário. Conseqüentemente, na ironia, a inferência gerada por essa diferença é sempre de cunho argumentativo, na medida em que se traduz como uma restrição *amplo senso*⁷. Assim:

- (2) Pastoral do criminoso não é Pastoral, portanto as pessoas não deveriam defender criminosos como se fossem inocentes.
- (3) Avanços sociais não são avanços, mas deveria haver muitos.

Esse efeito de sentido (promovido pelo reenquadre) reforça o cunho argumentativo do recurso irônico e justifica seu amplo uso em textos opinativos.

4. Considerações finais

Finalmente, é importante reafirmar, a partir dos estudos das rotinas cognitivas elencadas na literatura específica, que ironia é resultado de mescla e provoca reenquadre: ao se proceder à mesclagem (descrita na seção anterior), o falante, obrigatoriamente, reenquadra a significação a partir de uma nova cena.

Isso se dá, basicamente, pelo reconhecimento do padrão léxico-sintático que opera negação, e através da checagem entre os *inputs* e o espaço mescla. Conseqüentemente, a ironia promove recategorização, uma vez que a leitura se processe como irônica.

É assim que, consoante COULSON (2001), se emparelham as naturezas estática e dinâmica do processamento da linguagem (com os MCIs e *frames*) e, ainda, a natureza simples e complexa dessa operação (através da **mescla** – com suas compressões e descompressões e sua capacidade de habilitar inferências, reações afetivas e ações motivadas – e do **reenquadre**, da conceptualização através de uma nova perspectiva).

Espera-se que a indicação do conceito de ironia estruturado por GIORA (1995) e a elucidação das rotinas cognitivas de mescla e de reenquadre no processamento do recurso irônico sejam uma produtiva contribuição à descrição da língua portuguesa.

Notas

- ¹ Esta tese, da qual o presente artigo se origina, foi orientada pela Professora Doutora Maria Lúcia Leitão de Almeida (Faculdade de Letras, UFRJ, 2006).
- ² No editorial “Policíólogos” (*O Globo*, 02/20/1999), o autor constrói a ocorrência irônica ao discutir a atuação de policiais, que não é condizente com a postura nem de policiais nem de sociólogos.
- ³ O editorialista de “Todos pecadores...” (*O Globo*, 21/02/1999), ao comparar as instituições e a disciplina do Brasil com os Estados Unidos, diz que lá não há “pastoral do criminoso”, e sim leis que efetivamente são cumpridas.
- ⁴ No mesmo texto indicado na nota 2, o editorialista enumera direitos e privilégios que ocorrem no Brasil dos quais discorda, como monopólios portuários, aposentadoria universal por tempo de serviço, dentre outros.
- ⁵ Em “Chega de autoflagelação” (*O Globo*, 01/04/2004), o editorialista reclama da falta de atenção às coisas boas do Brasil e da falta de abordagem de outros assuntos (só se falava do caso Waldomiro) e, para tanto, cita uma das dez maiores invenções, publicada nos Estados Unidos, segundo a qual a pesquisa de um brasileiro visa à recuperação dos movimentos de paráliticos (e, no entanto, não foi divulgada aqui).
- ⁶ Em “Multai-vos uns aos outros” (*Jornal do Brasil*, 26/08/2003), o editorialista cita o absurdo de ter sido multado em data em que não se encontrava no Brasil e seu carro estava guardado no estacionamento do aeroporto de onde havia partido.
- ⁷ Escolheu-se restrição em sentido amplo porque ora ela se concretiza como restrição discursiva, ora como conclusão, conforme o exemplo (2) mostra.

Irony cognitive processing

Abstract – This article presents a cognitive study of the irony processing, principally aligned with the researches of Fauconnier & Turner (2002) and Coulson (2001). Its intent is to show how the blending and frame-shifting mechanisms cognitively support the ironic comprehension of the utterance, creating disanalogy between one of the inputs and the blended space. The corpus of the present work is constituted of a compilation of journalistic opinative texts.

Key words – Irony. Blending. Frame-shifting.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- Bergson, H. *O riso*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- COULSON, S. *Semantic leaps*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- FAUCONNIER, G. *Mappings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think*. Nova Iorque: Basic Books, 2002.
- GIORA, R. On irony and negation. In: *Discourse process*, n. 19, 1995, p. 239-64.
- INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 1997, p. 522.
- NEVES, M.A.G. das. *Aspectos cognitivos na constituição da ironia*. 2006. Tese (Doutorado). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- RIBEIRO, M.P. *Nova gramática aplicada da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Metáfora, 2004, p. 351.
- SALOMÃO, M.M. Gramática e interação: O enquadre programático da hipótese sociocognitiva sobre a linguagem. *Veredas*. Juiz de Fora, DEUFJF, v. 1, n. 1., jul/dez, 1997.

Recebido e aprovado para publicação em maio de 2006.

Linguística, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 243-254, dezembro de 2006